

BC quer "limpar" agenda com Clube de Paris para financiar as importações

por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

O Banco Central (BC) quer "limpar" a agenda dos acordos bilaterais em torno da dívida contraída junto a governos e que foi objeto de renegociação, no âmbito do Clube de Paris, em julho passado. A pressa é justificável: "A Cacex do Banco do Brasil (BB) vem recebendo desde dezembro muito pedido novo para guia de importação de máquinas e equipamentos e é preciso que haja linhas de financiamento lá fora para atender a esse interesse", observou para este jornal o diretor da Área Externa do BC, Arnim Lore.

Na sexta-feira, o Brasil assinou com a República Federal da Alemanha o primeiro acordo bilateral da fase III da renegociação do Clube de Paris, que reescalonou pelo prazo de dez anos, com cinco de carência, o principal e os juros devidos a agências oficiais em 1987, 1988, 1989 e 1990, no valor total de cerca de US\$ 5 bilhões, envolvendo contratos feitos até 31 de março de 1983. Por força do acordo, o pagamento dos juros está suspenso desde julho.

O acerto fechado bilateralmente com a Alemanha alcança US\$ 860 milhões — equivalente à dívida de 1,6 bilhão de marcos alemães — e corresponde a financiamentos concedidos diretamente pela agência oficial Hermes ou que tenham sido por ela avalizados. A taxa de juro negociada acompanha a taxa de captação do Tesouro alemão. O governo da Alemanha Federal é o terceiro maior credor do Brasil, depois do Japão e dos Estados Unidos.

Os entendimentos com o Japão foram desobstruídos no dia 20 de fevereiro, quando uma missão brasileira assinou em Tóquio o acordo bilateral ainda relativo à fase II da renegociação do Clube de Paris — que reescalou por seis anos, com três de carência, dívidas vencidas em 1985 e em 1986 —, no valor de cerca de US\$ 1,1 bilhão. O acordo da fase III com o Japão, envolvendo US\$

1,229 bilhão, depende ainda de alguns detalhes, como por exemplo definição quanto às datas de pagamento por parte dos tomadores finais. O Brasil só aceita reescalonar o que for depositado dentro do Banco Central", explicou Lore.

Com os Estados Unidos, o grande credor, as conversas ainda se arrastam e não há data marcada para a assinatura do acordo bilateral da fase II e muito menos da fase III (envolvendo mais de US\$ 2 bilhões). "Não começamos nem a discutir a questão da taxa de juro", adiantou o chefe do departamento da Dívida Externa do BC, Marcelo Ceylão. Lore está, no entanto, disposto a pressionar por uma aceleração nas negociações. A liberação de novas linhas de financiamento do Eximbank dos Estados Unidos ao comércio brasileiro será certamente facilitada depois de assinado o acordo bilateral.

Lore calcula que a importação cresça neste ano US\$ 3 bilhões sobre o ano passado e atesta que o grosso desse incremento corresponde justamente à compra de máquinas e equipamentos, que dependem de financiamentos de longo prazo.

A agenda dos entendimentos bilaterais está carregada — são onze os países credores que assinaram o acordo geral da fase III do Clube de Paris — e na semana que vem começam as conversas com a Grã-Bretanha, em Brasília. Iniciam-se imediatamente em seguida as negociações com a França e com a Espanha, na Europa.

Os entendimentos com o Canadá, acerca de uma dívida de US\$ 89 milhões, foram abertos no dia 21 de fevereiro mas ainda esbarram em pontos técnicos de aplicação e de formação da taxa de juro. Com a Suíça, Ceylão espera ter tudo concluído nesta segunda-feira, quando nova reunião será feita para acertar todos os detalhes de pagamento da dívida de US\$ 39 milhões.